



A CHINA DE XI JINPING EM 2024-2025

Nos últimos anos, a política internacional da China tem sido marcada pela competição geopolítica global com os EUA. Para além de desenvolvimentos relevantes a nível bilateral com a Rússia e a Índia, no âmbito multilateral a China tem conseguido alargar “o clube de amigos”, congregando uma frente de apoio à sua visão na reformulação da ordem mundial.

A política internacional da República Popular da China, em 2024-25, continuou marcada pela competição geopolítica global com os EUA e por um grande ativismo no sentido da reformulação da ordem mundial, o que se intensificou pelas “oportunidades” conferidas pelo regresso de Donald Trump à Presidência dos EUA. E isto no meio de uma crescente pressão belicista sobre Taiwan e no Mar do Sul da China.

Taiwan e o Mar do Sul da China

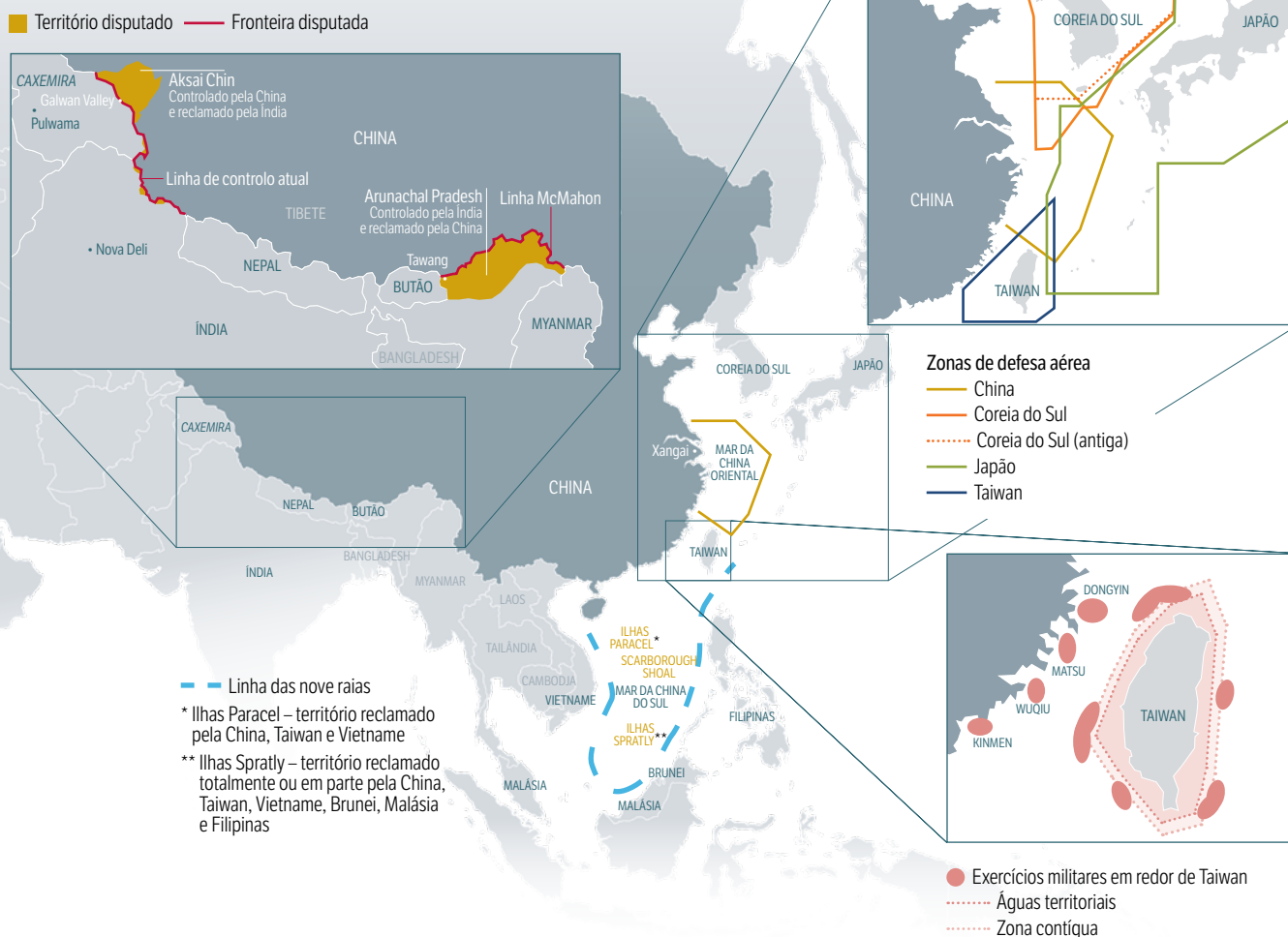
A “questão de Taiwan” ganhou novos contornos desde as eleições presi-

denciais e legislativas, de janeiro de 2024: pela primeira vez na democracia taiwanesa, o independentista Partido Democrático Progressista (DPP) tem um terceiro mandato presidencial consecutivo, neste caso, com Lai Ching-te (ou William Lai) a suceder a Tsai Ing-wen; mas o DPP perdeu a maioria parlamentar de que dispunha desde 2016, passando a maioria dos deputados do Yuan legislativo a ser dos opositores Kuomintang (KMT) e Partido popular de Taiwan (PPT). Além dos resultantes problemas de governabilidade e extrema polarização política em Taiwan, a nova situação não impediu a prosse-

ção pela R. P. China de uma estratégia baseada nos eixos habituais: coerção/ atração económica, fomento das divisões em Taiwan, “isolamento” internacional de Taiwan e pressão belicista. Destacam-se as campanhas contra o Presidente Lai (apelidado mesmo de “verme” pelo Exército Popular de Libertação) e a aproximação ao KMT e a empresários taiwaneses e, por outro lado, os exercícios militares em redor de Taiwan que passaram a ser rotineiros numa manobra de “anaconda” que vai apertando o cerco. Para Pequim, «A única referência possível à região de Taiwan é 'Taiwan, Província da China'.

FIGURA 1. REIVINDICAÇÕES TERRITORIAIS DA CHINA (seleção)

Fonte: Elaborado pelo autor.





Taiwan nunca foi um país, nem será no futuro», conforme disse o MNE chinês, Wang Yi, em 8 de março de 2025.

A pressão belicista também se intensificou no Mar da China do Sul. Apesar de afirmar procurar uma solução pacífica para as disputas territoriais e de dar continuidade às negociações com os países membros da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) sobre um Código de Conduta (sem progressos relevantes), Pequim não abica de reivindicar soberania delineada pela sua “linha das nove raias” e sobre os respetivos arquipélagos, ilhas, atóis e recifes. Salientam-se os incidentes e as ameaças diretas às Filipinas, aliado dos EUA: por exemplo, em 28 de agosto de 2025, o Ministério da Defesa chinês acusou Manila de «cortejar forças externas» e advertiu «o lado filipino para que não persista nas suas ações equívocas e nos seus erros. Caso contrário, arcará com todas as consequências.»

Bilateralismo: desenvolvimentos mais relevantes com os EUA, a Rússia e a Índia

Em maio de 2024, Xi Jinping regressou a uma Europa com perceções em relação à China muito distintas das que existiam na sua visita anterior, cinco anos antes, fazendo um tour por França (onde reuniu

também com a Presidente da Comissão Europeia), Sérvia (vinte e cinco anos depois do bombardeamento da Embaixada Chinesa em Belgrado pela NATO) e Hungria – cujo Primeiro-Ministro Viktor Órban é o mais “iliberal” dos líderes da União Europeia (UE) e da NATO. Fundamentalmente, Xi procurou controlar os danos causados pelo apoio chinês à Rússia na guerra contra a Ucrânia, contrariar os processos de “redução de risco” e “segurança económica” anti China da UE e dar um novo impulso aos projetos da “Nova Rota da Seda” na Europa. A tentativa chinesa de reaproximação a países europeus e à UE ganhou ânimo no contexto da segunda Administração Trump: «A China e a UE devem salvar em conjunto a globalização económica», disse Xi aos vários representantes europeus que recebeu e durante a Cimeira China-UE que assinalou cinquenta anos de relações diplomáticas, em julho de 2025.

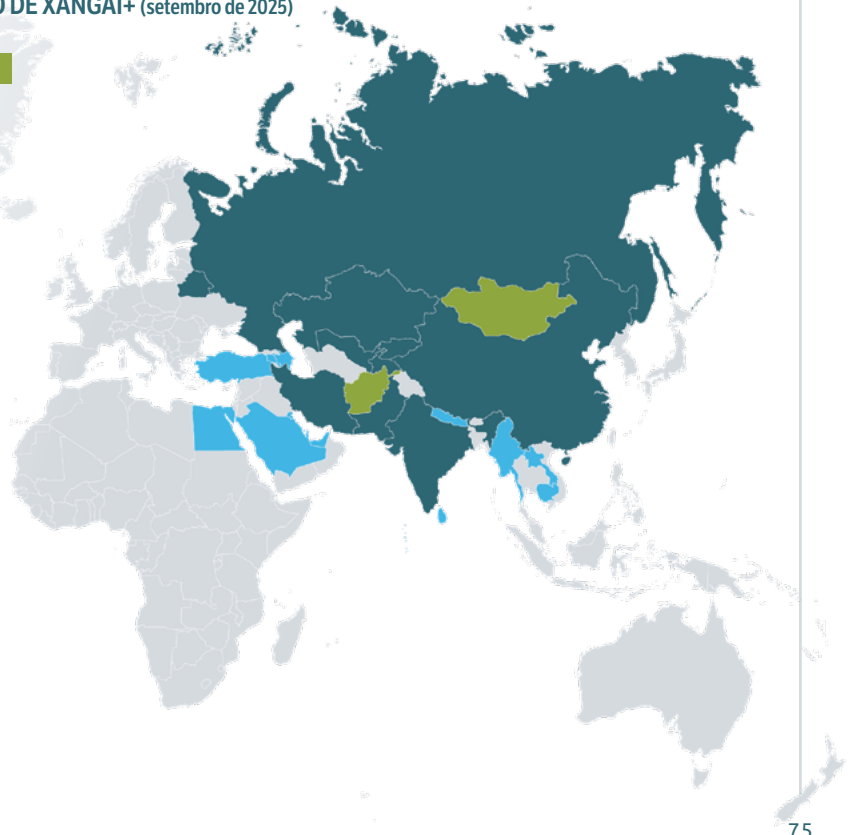
Pequim ensaiou também a aproximação a aliados dos EUA na Ásia-Pacífico como a Austrália, o Japão ou a Coreia do Sul. Em maio de 2024, teve lugar a primeira Cimeira Trilateral China-Japão-Coreia do Sul desde 2019 e, em abril de 2025, os três relançaram negociações visando a criação de uma zona de comércio livre. Por outro lado, a

China fez exercícios militares com diversos parceiros (do Camboja à África do Sul, Mongólia ou Irão) e estabeleceu novas parcerias estratégicas, por exemplo, com a Tunísia, o Bahrein e a Guiné-Equatorial. De salientar ainda o apoio ao Irão num contexto de recuo estratégico deste no Médio Oriente, designadamente, criticando os ataques de Israel e, claro, o bombardeamento pelos EUA de instalações nucleares iranianas de 22 de junho de 2025.

Nas relações bilaterais, todavia, os desenvolvimentos mais relevantes são com os Estados Unidos, a Rússia e a Índia, por razões distintas. Na competição com os EUA, os dirigentes chineses denunciam constantemente o “hegemonismo”, a “mentalidade de guerra fria”, o “bullying” e a “ingerência nos assuntos internos”. Em 16 de novembro de 2024, Xi reuniu com o homólogo Joe Biden à margem da Cimeira da Cooperação Económica Ásia-Pacífico (APEC, na sigla inglesa) no Peru, congratulando-se ambos pela “competição responsável” entre os dois países. Biden expressou preocupação com o apoio chinês à Rússia e o seu belicismo no Mar do Sul da China e sobre Taiwan. Por seu lado, num claro recado para o novo Presidente eleito, Donald Trump, Xi disse a Biden que «a China está pronta

FIGURA 2. MEMBROS DA ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO DE XANGAI+ (setembro de 2025)

MEMBROS	PARCEIROS DE DIÁLOGO	OBSERVADORES
Bielorrússia (2024)	Arábia Saudita	Afeganistão
Cazaquistão	Arménia	Mongólia
China	Azerbeijão	
Índia	Bahrein	
Irão	Cambodja	
Paquistão	Catar	
Quirguistão	Egito	
Rússia	Emirados Árabes Unidos	
Tajiquistão	Koweit	
Uzbequistão	Laos (2025)	
	Maldivas	
	Myanmar	
	Nepal	
	Sri Lanka	
	Turquia	



para trabalhar com o novo Governo americano", mas sublinhando "quatro linhas vermelhas que não devem ser ultrapassadas: Taiwan, democracia e direitos humanos, o sistema chinês, e o direito de desenvolvimento da China". Com o regresso de Trump à Presidência dos EUA, a competição intensificou-se, sobretudo, nos domínios tecnológico e comercial, chegando a ser anunciadas tarifas alfandegárias de 145% a importações da China e de 125% a importações dos EUA, antes de acordarem uma trégua para negociações. Pequim aproveitou esta "guerra de tarifas" para se afirmar como superpotência disposta a confrontar os EUA, desde logo, usando o "trunfo" das terras raras e outros minerais críticos, de cujas importações as indústrias americanas dependem. Além disso, tenta também tirar partido da segunda Administração Trump para promover outros objetivos: aprofundar laços com o "seu clube de amigos", reaproximar-se de aliados e parceiros dos EUA, e cultivar a imagem da China e a sua visão para a reformulação da ordem mundial. E isto numa narrativa de contraste face aos EUA de Trump: "democracia dividida" vs "democracia que funciona", protecionismo vs globalização económica, "ignorância climática"

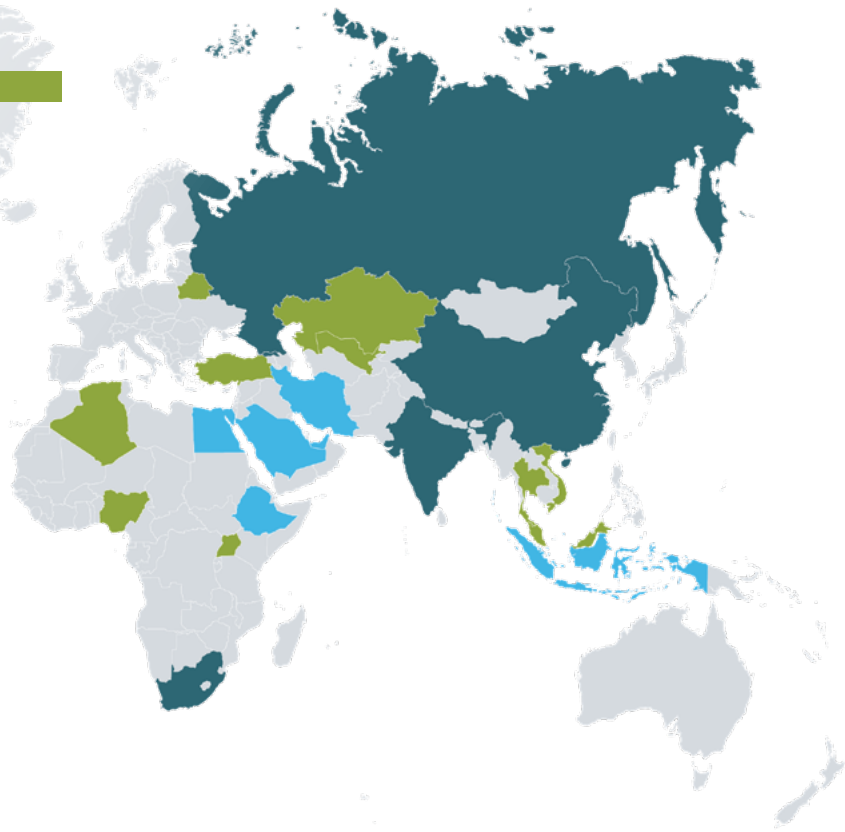
vs transição verde, unilateralismo vs multilateralismo, "lei da selva" vs ordem. Ao invés, a "amizade sem limites" com a Rússia aprofundou-se, incluindo contactos regulares entre os seus líderes. Xi visitou a Rússia, em outubro de 2024, no âmbito da Cimeira dos BRICS+, regressando, em maio de 2025, para as celebrações do "Dia da Vitória" na II Guerra Mundial – aqui afirmando que os dois países são "verdadeiros amigos de aço", assinando com Putin uma Declaração Conjunta sobre o Aprofundamento da Parceria Estratégica Global de Coordenação para a Nova Era e outra sobre a Estabilidade Estratégica Global, e apadrinhando mais de 20 acordos de cooperação bilateral. Por seu lado, Putin visitou o seu "querido amigo" Xi, em maio de 2024, no contexto do 75º aniversário das relações diplomáticas Pequim-Moscovo e, de 31 de agosto a 3 de setembro de 2025, para participar na Cimeira da Organização de Cooperação de Xangai (OCX) e assistir à parada militar que assinalou os oitenta anos da capitulação do Japão. Além de alinharem posições e reforçarem a cooperação em todos os domínios, os dois países anunciaram o objetivo de duplicar o valor das trocas comerciais mútuas até 2030 (o comércio bilateral já aumentara cerca de

30%, entre 2022 e 2025) e continuaram a realizar exercícios militares conjuntos. Manifestamente, a quase-aliança entre a Rússia de Putin e a China de Xi é imune tanto às pressões americanas e europeias como à aproximação de Trump a Putin.

Com a Índia, a relação melhorou significativamente depois de anos de tensões, apesar do novo conflito militar entre a Índia e o Paquistão (aliado da China), em abril-maio de 2025, e beneficiando do afastamento entre os EUA de Trump e a Índia – o Presidente americano irritou-se porque Nova Deli desmentiu o seu papel na "mediação" do conflito com o Paquistão e aplicou tarifas de 50% a importações da Índia, invocando também a compra indiana de energia russa. A reaproximação entre as duas potências asiáticas culminou na primeira visita do Primeiro-Ministro indiano Narendra Modi à China em sete anos, em 31 de agosto e 1 de setembro de 2025. Reunido à margem da Cimeira da OCX, Xi disse a Modi que «A China e a Índia são parceiros de cooperação, não rivais... a cooperação entre o dragão e o elefante é a escolha certa... não devemos deixar que a questão das fronteiras defina o conjunto da relação», e aceitou o convite de Modi para ir à Índia participar na Cimeira dos BRICS+, em 2026.

FIGURA 3. MEMBROS BRICS+ (em 2025)

MEMBROS FUNDADORES	NOVOS MEMBROS	PARCEIROS
África do Sul Brasil China Índia Rússia	Arábia Saudita (2024) Egito (2024) Emirados Árabes Unidos (2024) Etiópia (2024) Indonésia (Jan. 2025) Irão (2024)	Argélia Bielorrússia Bolívia Cazaquistão Cuba Malásia Nigéria Tailândia Turquia Uganda Uzbequistão Vietname



Multilateralismo: expandindo os seus “clubes de amigos”

Apresentando-se como grande arauto do multilateralismo, a China mostra-se tão defensora de organizações internacionais – em particular, a ONU e a Organização Mundial do Comércio – como da sua reforma. Por outro lado, a China manteve a rotina de organizar e/ou participar em reuniões de, e com, outras organizações (da APEC à UE ou à ASEAN) e com “grupos” de países – incluindo a Cimeira China-África e o Fórum de Cooperação China-África (FOCAC), o Fórum de Cooperação China-Estados Árabes, o Fórum China-Comunidade dos Estados da América Latina e Caraíbas (CEA-LAC), o Fórum China-Países das Ilhas do Pacífico, o Fórum Macau com Países de Língua Portuguesa, o Fórum Boao para a Ásia, a Parceria Económica Regional Abrangente (RCEP) ou a Cimeira China-Ásia Central –, sempre promovendo mais “parcerias”, projetos no âmbito da “Nova Rota da Seda” e a sua “alternativa”. Por exemplo, no quadro do Fórum China-África, em julho de 2025, Pequim assumiu “tarifas zero” às importações de produtos de todos os países africanos (excepto Essuatíni com quem a RPC não tem relações diplomáticas), ampliando a medida de 2024 que abrangia apenas os países menos desenvolvidos.

Do multilateralismo sino-cêntrico, o destaque vai para o grupo BRICS+ e para a OCX+. Em outubro de 2024, teve lugar em Kazan, na Rússia, sob o lema “Reforçar o multilateralismo para um desenvolvimento e uma segurança globais justos”, a primeira Cimeira dos BRICS+, juntando Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (reunidos na sua 16ª Cimeira) e os novos cinco membros desde janeiro desse ano: Egito, Etiópia, Irão, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos. Foram também acrescentados formalmente treze países como parceiros: Argélia, Bielorrússia, Bolívia, Cuba, Indonésia, Cazaquistão, Malásia, Nigéria, Tailândia, Turquia, Uganda, Vietname e Uzbequistão. Em julho de 2025, foi o Brasil a acolher, no Rio de Janeiro, a Cimeira dos BRICS+, então já com onze membros (a Indonésia aderira em janeiro de 2025), sob o lema “Reforçar a cooperação do Sul Global para uma governação mais inclusiva e sustentável”, com Xi e Putin a participarem por videoconferência. A realidade é que se o BRICS nunca foi um verdadeiro “bloco”, o seu

alargamento aumentou as diferenças: por exemplo, na reunião de abril de 2025, os Ministros dos Negócios Estrangeiros falharam, pela primeira vez na história dos BRICS, em obter uma declaração conjunta, porque o Egito e a Etiópia recusaram apoiar a candidatura da África do Sul ao Conselho de Segurança da ONU. Ainda assim, na cimeira extraordinária virtual de 8 de setembro de 2025, Xi voltou a apelar aos seus parceiros para *«juntos defendermos o multilateralismo, aprofundarmos a cooperação no seio dos BRICS e construirmos uma comunidade global com um futuro partilhado»*.

... a China de Xi conseguiu não só alargar o seu “clube de amigos” como também congregar uma “frente unida” antiocidental/anti-EUA e de apoio à sua visão.

Também a Organização de Cooperação de Xangai se expandiu: em 2024, a Bielorrússia tornou-se o 10º Estado-membro, juntando-se à China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Uzbequistão, Índia, Paquistão e ainda ao Irão que aderira no anterior; e, em setembro de 2025, o Laos tornou-se o 15º “parceiro de diálogo” da OCX+, somando-se à Arábia Saudita, Arménia, Azerbaijão, Bahrein, Camboja, Catar, Egito, Emirados Árabes Unidos, Kuwait, Maldivas, Myanmar, Nepal, Sri Lanka e Turquia, bem como aos dois Estados “observadores” Afeganistão e Mongólia. Entre outras reuniões da OCX, o Primeiro-Ministro chinês Li Qiang participou na 23ª Cimeira Anual de Chefes de Governo, em Islamabad, Paquistão (15-16 de outubro de 2024) e o Presidente Xi participou nas 24ª e 25ª Cimeiras Anuais de Líderes, respetivamente, em Astana, Cazaquistão (3-4 de julho de 2024) e em Tianjin, China (31 de agosto e 1 de setembro de 2025). Nesta última, a 5ª realizada na China, organizada pela presidência chinesa rotativa da OCX, Pequim conseguiu dar novo impulso institucional à organização e viabilizar a aprovação de vinte documentos-chave, incluindo a Declaração de Tianjin, a Estratégia de Desenvolvimento até 2035 e

Acordos e Declarações de Cooperação sobre Antiterrorismo, Antidrogas, Desafios e Ameaças à Segurança, Economia Digital, Desenvolvimento Sustentável, Energia, Indústria Verde, Apoio ao Sistema Comercial Multilateral e Ciência, Tecnologia e Inovação.

A “alternativa China” na reformulação da ordem mundial

A R. P. China tem promovido ativamente a reformulação da ordem mundial com base no slogan “comunidade global de futuro partilhado” – enunciado pelo Presidente Xi, pela primeira vez, em 2013, na Rússia –, bem como o seu papel no mundo: *«todo o aumento da força da China representa um aumento nas perspetivas de paz mundial»*, disse Xi no 70º Aniversário dos Cinco Princípios da Coexistência Pacífica, em junho de 2024.

Exemplos das mensagens típicas do Presidente chinês são os discursos no início de setembro de 2025. Na Cimeira da OCX+, em Tianjin, disse aos líderes de mais de vinte países e de dez organizações internacionais que *«devemos trabalhar em conjunto opondo-nos à mentalidade de Guerra Fria e ao bullying.... defender um mundo multipolar igualitário e ordenado e tornar o sistema de governação global mais justo e equitativo»*. Na mesma ocasião, avançou com a nova “Iniciativa de Governação Global” que se soma às outras Iniciativas Globais de Desenvolvimento, Segurança e Civilização, propostas por Xi em 2021, 2022 e 2023, respetivamente. Dois dias depois, na invulgar parada militar comemorativa da capitulação do Japão na II Guerra Mundial (exibindo forças que enviam mensagens não subtis a Taiwan e aos EUA), ao lado dos Presidentes da Rússia e da Coreia do Norte (este regressou à China pela primeira vez desde 2019) e perante os líderes e representantes de mais de sessenta países e organizações, Xi afirmou que *«a Humanidade enfrenta novamente a escolha entre paz ou guerra»*, assegurando que a China *«está do lado certo da História»* e que *«o rejuvenescimento da nação chinesa é imparável»*.

Numa ordem mundial em reconstrução, em 2024-25, a China de Xi conseguiu não só alargar o seu “clube de amigos” como também congregar uma “frente unida” antiocidental/anti-EUA e de apoio à sua visão. ●